

REBELDIA E SUBMISSÃO

ESTUDOS SOBRE CONDIÇÃO FEMININA

*ALBERTINA DE OLIVEIRA COSTA
CRISTINA BRUSCHINI
(Orgs.)*



SUMÁRIO

NEM HEROÍNAS, NEM VÍTIMAS (Apresentação)	
ALBERTINA DE OLIVEIRA COSTA E CRISTINA BRUSCHINI	9
1. A IMAGEM DA CONCUBINA NO BRASIL COLONIAL: ilegitimidade e herança.	
MARIA BEATRIZ NIZZA DA SILVA	17
2. DOTE E CASAMENTO: as expostas da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.	
MARGARETH DE ALMEIDA GONÇALVES	61
3. O BELLO SEXO: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX.	
MARIA FERNANDA BAPTISTA BICALHO	79
4. CRECHE: reflexões sobre uma trajetória.	
LENIRA HADDAD	101
5. HISTÓRIAS QUE AS HISTÓRIAS DE AMOR CONTAM: mulheres, rebeldia e casamentos.	
ADRIANA GRACIA PISCITELLI	121
6. ABELHINHAS NUMA DILIGENTE COLMEIA: domesticidade e imaginário feminino na década de cinqüenta.	
ALICE INÊS DE OLIVEIRA E SILVA	143
7. ENIGMA DO FEMININO, ESTIGMA DAS MULHERES.	
LUCIA AFONSO E KARIN VON SMIGAY	177

8.	RELAÇÕES ENTRE EMPREGADAS E PATROAS: reflexões sobre o feminismo em países multiraciais. SANDRA MARIA DA MATA AZEREDO	195
9.	A MULHER TERENA: espaço e <i>status</i> . MARIA CRISTINA DA SILVEIRA GALAN	221
10.	A MULHER COMERCIÁRIA: um estudo sobre a força de trabalho feminino no comércio de Belém. MARIA CELESTE MIRANDA MEDEIROS	237
11.	SILENCIOSAS E COMBATIVAS: as contribuições das mulheres na estrutura sindical no Nordeste 1976/1986. PAOLA CAPPELLIN GIULIANI	255
	NOTAS	301

NEM HEROÍNAS, NEM VÍTIMAS

O campo dos estudos de mulher está entrando numa fase de maturidade, esta é a constatação que emerge da leitura de *Rebeldia e Submissão: estudos sobre condição feminina*.

Esta coletânea é fruto de um momento particularmente feliz da vida acadêmica, onde a possibilidade de reler o mundo de acordo com novas e diversas perspectivas recuperou o gosto de aventura da atividade intelectual, um momento de efervescência da investigação científica em que a atividade de refletir e pesquisar deixou de ser encarada sob suspeita, um momento muito profícuo para o trabalho intelectual, onde a possibilidade de encarar o estudo como militância coexiste com uma profissionalização acentuada. A luta pelo direito de interpretar é hoje uma reivindicação política. A pesquisa sobre condição feminina, propondo novas grades de leitura, usa desse direito que auxiliou a conquistar. Embora nem todos os estudos aqui reunidos adotem uma perspectiva feminista, inserem-se numa linhagem de indagações propiciada pelo movimento das mulheres.

Esses estudos expressam um momento de conquista da maturidade intelectual em que, vencidas as batalhas iniciais de legitimação, superando sólidas barreiras, a área de estudos de mulher vem conquistando novos espaços e refinando e tornando mais sofisticado seu instrumental teórico-metodológico. A trajetória percorrida e a razoável base de conhecimento já sedimentada permitiram levantar novas indagações e superar os impasses criados pela estratégia inicialmente adotada de se focalizar excessivamente as mulheres.

Os estudos pioneiros, sob o impacto do movimento feminista, concentraram seus esforços em recuperar a presença feminina na história e na vida social, denunciando o androcentrismo imperante na produção científica. Como resultado desses esforços importantes e necessários o sexo feminino foi finalmente retirado da invisibili-

dade em que se encontrava e exposto ao olhar científico. A visibilidade das mulheres foi uma conquista inegável de pesquisadores e militantes, condição necessária para uma postura de questionamento dos procedimentos habituais das Ciências Humanas.

No entanto, os estudos iniciais, tanto nacionais como estrangeiros, como resultado da prioridade absoluta concedida à mulher, tenderam a incorrer nos riscos de duas simplificações, opostas mas similares, a da vitimização e a da heroicização das mulheres.

Se por um lado a ênfase na opressão, na subordinação, na discriminação, nas injustiças e na violência de que as mulheres eram alvo cristalizou um estatuto de vítimas permanentes, por outro a busca encarniçada da contribuição do sexo feminino à humanidade tendeu a transformar as mulheres em protagonistas permanentes da cena social, embora mais uma vez e mesmo assim, vítimas do esquecimento ou do deliberado ocultamento.

A tentação de se reconstruir um passado heróico para as mulheres foi frequentemente irresistível. A tentativa de resgate da presença feminina correu por diversas vezes o risco de torná-la autônoma.

Os artigos de *Rebeldia e Submissão* integram uma linha de pesquisas que têm no gênero o centro de sua reflexão e que procuram compreender a condição feminina dentro de uma conjuntura histórica dada e inserida numa trama de relações sociais concreta. Esta nova geração de estudos tem se dedicado à análise de identidades socialmente construídas, onde o feminino se reporta necessariamente ao masculino.

Os artigos aqui reunidos, escritos em 1987, são o resultado de pesquisas financiadas pelo IV Concurso de Dotações para a Pesquisa sobre Mulher Brasileira, realizado pela Fundação Carlos Chagas, com o apoio da Fundação Ford*. Diversidade é a marca registrada desta coletânea, que tem por fio condutor o interesse central pela condição feminina. Várias dimensões da diversidade estão presentes e se sobrepõem. Diversidade dos assuntos tratados, que vão da domesticidade, amor, concubinato, ao trabalho no comércio e à participação sindical no campo, passando pelo abandono de crianças, relação entre patroas e empregadas domésticas, imprensa de mulheres,

* O IV Concurso contemplou 24 projetos. Os anteriores foram realizados em 1978, 1980 e 1982, financiaram 57 pesquisas e resultaram nas seguintes publicações: *Vivência e Trabalhadoras do Brasil*, pela Editora Brasiliense, *Mulher, mulheres*, pela Cortez Editora e *Cadernos de Pesquisa*, n. 54, da Fundação Carlos Chagas.

crechês, grupos indígenas, violência doméstica; diversidade no tempo, o olhar dos autores perscruta atentamente a vida das mulheres da Colônia aos nossos dias; diversidade de disciplinas, estão presentes desde os campos disciplinares onde inicialmente se concentraram os estudos sobre relações sociais entre os sexos, como Sociologia e Antropologia, aos espaços mais recentemente conquistados, como a Psicologia Social e a História; diversidade das abordagens: arquivos eclesiásticos e outras fontes documentais, jornais, observação direta, discussão em grupos são algumas das inúmeras ferramentas utilizadas. Quanto à teoria, reina uma saudável falta de unanimidade, onde o único ponto de convergência é o rigor da argumentação; à diversidade de estágio de vida profissional em que se encontram os autores soma-se ainda a diversidade do tempo em que estão empenhados no estudo da posição social da mulher.

O contraponto resultante dessa potenciação de diversidades apresenta-se aqui em toda a sua riqueza caleidoscópica.

O selo da diversidade impresso em *Rebeldia e Submissão* advém das características muito especiais do Concurso que a tornou possível. Este visa criar um espaço de discussão intelectual onde o confronto de diferentes experiências e visões de mundo e o respeito às diferenças sejam ao mesmo tempo um incentivo ao treinamento e ao aprimoramento profissional e um estímulo à criatividade, à inovação e ao aprofundamento do conhecimento científico. Aberto a todas as disciplinas, apóia projetos que, independentemente da teoria e metodologia elegidas, acatem as regras do procedimento científico, que exigem justificativas válidas para o tema, conhecimento da bibliografia a ele pertinente, análise criteriosa dos dados e clareza em sua apresentação.

De âmbito nacional, o Concurso procura contemplar estudiosos da condição feminina em todo o país e, embora não consiga esquivar-se, inteiramente, a uma recorrente concentração de talentos no eixo Rio-São Paulo, tem sido bem sucedido no sentido de se abrir para outras regiões. Esta é outra das diversidades apresentadas neste livro, a qual nos permite levantar uma pequena ponta do véu que encobre a realidade de pontos mais distanciados do eixo cultural central, como o Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país.

Premia tanto doutores, titulares e postulantes a títulos acadêmicos, com forte incidência em candidatos a mestrado, quanto pesquisadores ainda não graduados ou sem inserção profissional.

A abertura e flexibilidade do Concurso da Fundação Carlos Chagas/Ford levaram a que desempenhasse um papel crucial no re-

cente processo de consolidação de um campo de estudos sobre a questão de gênero no Brasil.

O imaginário, as representações, as mentalidades, os saberes, os processos de individuação, a construção de identidades sociais, são os ângulos privilegiados pelos autores ao abordarem a condição da mulher. Esboça-se claramente uma preferência pelas determinações simbólicas em detrimento das infra-estruturais. Sintoma de insatisfação e de busca, esta tendência tem a ver com o esgotamento (momentâneo?) das potencialidades explicativas dos paradigmas de explicação globalizantes que prevaleciam na produção acadêmica e com a voga atual — nas ciências sociais em geral e não só na área de estudos sobre mulher — de novas vertentes teóricas.

São estudos que dissolvem idéias feitas, na medida em que mostram como os códigos sociais têm sido atualizados em práticas. Desvendando que o lugar, ou melhor, os lugares do feminino têm sido mais ricos em potencialidades do que o mero exame da divisão das responsabilidades socialmente atribuídas faz supor. São estudos que falam de não conformismo e nos mostram como desde os tempos da Colônia as mulheres brasileiras vêm, se não desobedecendo, pelo menos contornando prescrições rígidas.

Desvelam a figura de mulheres atuantes e combativas que reinventam o significado do espaço feminino, sem no entanto contestá-lo, que travam seus combates em função de seu papel de mães e esposas, como as profeministas do século XIX, envolvidas na luta pela educação do sexo feminino, na produção de jornais e na difusão de idéias emancipadoras. Ou como no associativismo feminino centrado nos afazeres domésticos, onde Alice Inês Oliveira e Silva descobre um espaço intermediário entre o público e o privado, um fórum de sociabilidade que permite a suas participantes a obtenção de prestígio e de reconhecimento social por suas habilidades caseiras.

O refinamento da investigação nesta área temática tem apontado para uma superação do recurso a dicotomias polarizadoras na análise. As práticas das mulheres, como as dos homens, devem ser inseridas em seu adequado contexto histórico e cultural, que fornece os limites da rebeldia possível e lhes confere sentido. Como no caso do concubinato, comportamento que embora estigmatizado pela norma da Igreja gozava de razoável aceitação na sociedade brasileira dos séculos XVII e XVIII, ou como na análise de estratégias matrimoniais em famílias de elite, que indica o amor como espaço simbólico privilegiado da negociação feminina e mostra como amores rebeldes que desembocam em casamentos furtivos podem terminar plenamente

reconhecidos ao reforçar o patrimônio familiar, ou ainda como é o caso do amplo poder de decisão que detêm as mulheres entre os Terena do Mato Grosso do Sul estudados por Maria Cristina Galan. Neste artigo a autora se pergunta se essa influência do sexo feminino será mantida, na medida em que o processo de assimilação do grupo Terena tem implicado uma reformulação da divisão sexual do trabalho.

Adotando como tema um veio ainda não explorado na literatura sobre trabalho feminino, o comércio, Maria Celeste Medeiros descreve as características dessa mão-de-obra que se dedica às vendas a varejo na cidade de Belém do Pará, onde foi feita a pesquisa, e refere que, apesar de mal remuneradas, as comerciárias preferem sua atividade profissional à de dona-de-casa. Retraçando um histórico da profissão, a autora mostra que certos produtos estão associados ao sexo do vendedor e que esta associação tem variado no tempo de acordo com o processo de trabalho.

A superação de dicotomias é explicitamente reivindicada pela análise de Paola Cappellin, que procura ver a articulação entre a combatividade e o silêncio das sindicalistas. Mostra como virtudes femininas — frequência à igreja, respeito à autoridade masculina, prendas domésticas — podem ser vias de acesso à posição de dirigente sindical, embora a incorporação ao sindicato não se dê somente por esta via e as modalidades do exercício feminino da liderança, assim como da inclusão das reivindicações das mulheres nas pautas sindicais, sejam muito variadas. A partir desse quadro complexo e por vezes contraditório, abre a discussão a respeito da emergência de uma nova modalidade de feminismo de cunho popular.

É também o feminismo, e seu pressuposto de igualdade entre as mulheres, que Sandra Azeredo questiona, introduzindo, além da dimensão de classe, a de raça em sua análise das relações de poder. Explora ainda, em seu artigo, as relações de identificação entre pesquisadora e pesquisadas. Filão retomado por Karin Von Smigay e Lucia Afonso que, analisando o conceito de violência para além da mera agressão física, buscam compreender suas raízes e extensão, bem como as formas possíveis de resistência a ela, através da reflexão, com grupos de mulheres de condição social e educacional diversificada, sobre a violência cotidiana que opera através das relações sociais de dominação.

Alguns dos trabalhos revelam faces menos conhecidas ou exploram ângulos inéditos da participação política feminina, como o

binômio sindicalismo-feminismo, as relações de dominação entre mulheres, o associativismo feminino apolítico, as armadilhas e ambigüidades do movimento feminista. No entanto, nesta coletânea, os estudos sobre a condição da mulher remetem sistematicamente à análise da família — local por excelência da construção social da identidade feminina — ou de instituições criadas expressamente para suprir a ausência da família, como as casas de expostos ou as creches. As análises de processos de legitimação de filhos para o recebimento de heranças permite a Maria Beatriz Nizza da Silva desvendar um sistema de relacionamento familiar bastante freqüente na sociedade colonial, o concubinato e traçar o perfil da concubina, persoragem presente em todas as camadas sociais.

Parte de um trabalho mais amplo, no qual discute a questão do abandono de crianças nos séculos XVIII e XIX, tendo como centro de investigação a Casa dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, o texto de Margareth de Almeida Gonçalves analisa a prática corrente, nesse recolhimento, de oferecer dotes às expostas que recebiam licença para o casamento, e faz ressaltar o modelo de feminilidade e de família e ela subjacente.

Deslocando o foco para o Rio de Janeiro da passagem do século, o artigo de Maria Fernanda Bicalho privilegia, recorrendo à análise de jornais redigidos por mulheres e dirigidos ao público feminino, a redefinição do papel da mulher na estrutura familiar e a construção de uma nova identidade feminina, calcada nos valores do moderno individualismo.

Refletindo sobre a trajetória da implantação das creches dentro e fora do país, a partir das diversas posturas teóricas que embasaram esse processo, Lenira Haddad focaliza a estreita associação entre essa instituição e um determinado padrão de família nuclear, pelo qual as creches teriam sido modeladas.

Adriana Piscitelli debruça-se sobre temas como amor, paixão, casamento e patrimônio, através de histórias sobre práticas matrimoniais de membros de cinco gerações de dois importantes grupos de parentesco de uma cidade interiorana.

O universo doméstico e o imaginário de donas-de-casa de camadas médias na década de 50 são reconstituídos por Alice Inês de Oliveira e Silva, em seu estudo sobre as sócias do Clube de Leitoras do *Jornal Feminino*. A análise das contribuições por elas enviadas a esse suplemento dos *Diários Associados*, como receitas, moldes e

riscos de bordado, assim como das atividades desenvolvidas pelo Clube permite sugerir a existência de uma cultura da domesticidade.

Rebeldia e Submissão vai além da descrição e da denúncia, procura ir mais longe do que as abordagens tradicionais, enfrenta desafios, por vezes resolvidos com brilho, e equaciona novas questões, que permanecem como interrogações a serem retomadas por novas investigações.

ALBERTINA DE OLIVEIRA COSTA

CRISTINA BRUSCHINI